

## EMERGÊNCIA DE MICROCONSTRUÇÕES MODAIS COM [DAR]

Cibele Naidhig de Souza\*

- **RESUMO:** Com base em uma perspectiva construcionista, mais especificamente em Traugott e Trousdale (2021 [2013]), e em estudos sobre tipologia e mudança modal, investigam-se a emergência e o desenvolvimento de microconstruções modais com “dar”, no português, buscando-se identificar micropassos de mudança e relações de herança. Analisa-se como as alterações para essa família de construções podem se alinhar às hipóteses de mudança da modalidade. A pesquisa serve-se de textos dos séculos XIV a XX do *Corpus do Português* (Davies; Ferreira, 2006), e de dados de língua falada contemporânea provenientes do C-Oral Brasil e do Projeto NURC. O exame não comprova alterações semânticas de valores habilitativos para possibilitativos, hipótese levantada com base em previsões de mudança semântica no campo modal. Revela-se, por outro lado, que a microconstrução *transfereencial habilitativa (para um propósito)*, localizada nas instâncias mais remotas do *corpus*, licencia valor possibilitativo e, posteriormente, sanciona outras microconstruções. Nesse processo, nota-se gradual anulação da grade temática do verbo “dar”, convencionalização do padrão impessoal e surgimento de valor deôntico.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Modalidade; Mudança construcional; Verbo dar.

### Introdução<sup>1</sup>

A emergência e a convencionalização de formas de expressão da modalidade sempre despertam interesse dos estudiosos, em diversas línguas. Identificam-se, nesses estudos, padrões de configuração semântica e de mudança linguística válidos para diferentes línguas. Uma tendência apontada consiste no desenvolvimento dos domínios mais concretos (sentidos circunstanciais, habilitativos/capacitativos, deônticos), em direção aos mais abstratos, relacionados ao eixo do conhecimento (valores epistêmicos). Postula-se a existência de um processo cognitivo, metafórico, motivador dessas mudanças (Sweetser, 1990), entendidas como proeminentes casos de gramaticalização (Traugott, 1989; Traugott; Dasher, 2002; Bybee *et al.*, 1994).

\* Universidade Federal do Paraná (UFPR), Setor de Educação, Curitiba, PR, Brasil. Departamento de Teoria e Prática de Ensino. Professora. cibele.naidhig@ufpr.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2363-3551>.

<sup>1</sup> Este texto resulta parcialmente de análises desenvolvidas em período pós-doutoral, na Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, com supervisão da Profa. Dra. Marize Mattos Dall’Aglio-Hattner e com apoio do CNPq.

Há de se observar que a maioria desses estudos sobre o desenvolvimento no campo modal é dedicado a outras línguas. No português, esse instigante e desafiador campo permanece ainda não completamente explorado, motivo pelo qual se justificam pesquisas que buscam trazer maior compreensão para a área.

Para este estudo, elege-se uma forma de expressão da modalidade que, como bem observou Salomão (2008), é bastante familiar aos usuários da língua: a construção modal com *dar*. As ocorrências seguintes, retiradas de textos examinados nesta pesquisa<sup>2</sup>, ilustram tal construção:

- (1) a) *Eu não dou para penteados.* (C-Oral Brasil)  
b) *Não dou para assistir a esses espetáculos.* (CP)
- (2) a) [...] *porque a contração já vinha assim / de três em três passos já nã dava pa andar* (C-Oral Brasil)  
b) *A kombi dá para fazer isso.* (NURC)  
c) *Eu tentei fazer uns sambas, mas não deu... Samba é diferente.* (CP)  
d) *Shakespeare tem cenas de quatro, seis versos. Como é que você vai fazer um cenário só para isso? Não dá. Ele não dependia de cenografia.* (CP)

Há, nas ocorrências em (1), a expressão da modalidade dinâmica (Palmer, 1986; Bybee *et al.*, 1994) ou facultativa orientada para o participante (Hengeveld, 2004), em que se descreve a capacidade de um sujeito para determinada ação; expressa-se que o participante, humano, não tem habilidade, não reúne condições para realizar uma atividade.

As ocorrências em (2) têm interpretação de possibilidade de raiz (Bybee *et al.*, 1994), ou possibilidade externa ao participante (Auwera; Plungian, 1998) ou modalidade facultativa orientada para o evento (Hengeveld, 2004). Nesses casos, expressa-se a (não) existência de condições circunstanciais favorecedoras para a ocorrência do evento descrito. Os enunciados em (2) são parafraseáveis por “(não) ser possível” (*andar/fazer isso com a kombi/fazer samba/fazer um cenário para isso*).

A modalidade expressa pela construção com *dar* já recebeu atenção em outras pesquisas. Alguns desses trabalhos investigam expressões com *dar* em diferentes valores gramaticais, não se restringindo aos valores modais e sem a pretensão de explicitar especificamente o surgimento e o desenvolvimento dos valores modais (Coelho; Silva, 2014, 2019; Torrent, 2015). Outros oferecem análises sincrônicas para as construções modais com *dar* (Salomão, 2008; Souza, 2017; Görski, 2020) e apresentam hipóteses de desenvolvimento linguístico para essa família de construções.

Do conjunto de construções modais com *dar*, Salomão (2008) examina as impessoais (como a ocorrência 2a) no português contemporâneo. Apoiada em pressupostos

---

<sup>2</sup> Os dados apresentados em (1) e (2) são de textos contemporâneos, falados e escritos, analisados na pesquisa. Conforme será explicitado na seção metodológica, são retirados do Corpus do Português (CP), do projeto C-Oral Brasil e do projeto NURC.

construcionistas, a autora sugere que a construção modal impessoal com *dar* emerge como uma generalização da estrutura transferencial habilitativa, com apagamento dos argumentos do verbo: “[...] a estrutura argumental remanescente é a estrutura argumental construcional, constituída de uma Causa Genérica que Habilita genericamente uma Situação” (Salomão, 2008, p. 105). Souza (2017), em bases teóricas funcionalistas, estuda textos do português contemporâneo, identifica diferentes valores modais e indica, em vista de trabalhos sobre o desenvolvimento de expressões de modalidade, que usos habilitativos (como em 1) podem ser anteriores aos possibilitativos (como 2). Görski (2020), por sua vez, analisa usos modais de “dar para/de + V.inf” (como 2a e 2b) em dados do português contemporâneo e aponta a emergência de “dar” como um auxiliar no português contemporâneo, em um processo de gramaticalização.

A proposta deste trabalho é trazer achados para territórios ainda inexplorados no estudo da expressão modal com a base verbal “dar”, em uma perspectiva construcional, segundo a qual exemplos como os de (1) e de (2) são instâncias de uso de microconstruções modais, padrões de categorização, rotinizados, convencionalizados pelo uso e, em rede, ligadas a macroesquemas. Entende-se que a mudança linguística acontece no uso, por meio de micropassos, em que uma microconstrução pode sancionar outras. Com apoio nesse aparato teórico e em estudos sobre o desenvolvimento de verbos modais, são perguntas de pesquisa: quais microconstruções com *dar* instanciam usos modais? Que micropassos de mudança conduzem às instâncias de uso modal convencionalizadas no português contemporâneo? Trajetos de desenvolvimento semântico da modalidade podem explicar a emergência de microconstruções modais com *dar*?

Em perspectiva diacrônica, pretende-se investigar a emergência de construções modais com *dar*, identificar micropassos de mudança e estudar a adequação de tradicionais trajetos de mudança semântica da modalidade para esse caso. A pesquisa utiliza textos da língua portuguesa produzidos entre os séculos XIV e XX, e se apoia em pressupostos da mudança construcional, tal como desenvolvidos por Traugott e Trousdale (2021) e Bybee (2016).

Para cumprir os objetivos, o texto organiza-se em três seções, além desta introdução e das considerações finais. Na seção seguinte, subdividida em duas subseções, apresenta-se o aparato teórico que sustentará as análises. Discutem-se a base teórica para estudo da modalidade e da mudança modal e orientações teóricas construcionistas. Após exposição do apoio teórico, dedica-se uma seção aos procedimentos metodológicos. Na sequência, apresenta-se proposta analítica para microconstruções modais com *dar*.

## **Aparato teórico**

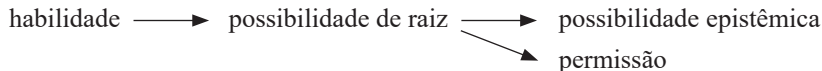
### **Mudança linguística e modalidade**

Não obstante grande variedade de propostas classificatórias, três tipos de modalidade costumam ser sempre considerados nos estudos: facultativo, deôntico e epistêmico.

A modalidade facultativa, ou dinâmica, diz respeito a capacidades, habilidades de um participante (Palmer, 1986; Hengeveld, 2004; Bybee *et al.*, 1994). A deôntica envolve aquilo que é permissível ou obrigatório, com base em normas (legais, culturais, sociais) (Lyons, 1977; Palmer, 1986; Hengeveld, 2004; Bybee *et al.*, 1994). E a epistêmica é referente àquilo que se conhece ou em que se acredita sobre o mundo (Lyons, 1977; Palmer, 1986; Hengeveld, 2004; Bybee *et al.*, 1994). A esses três domínios mais amplos associam-se noções semânticas como possibilidade, probabilidade, necessidade, obrigação, permissão, habilidade. A relação entre essas três dimensões modais mais amplas costuma ser tratada em uma perspectiva histórica.

Bybee *et al.* (1994) é um estudo sempre citado na área da mudança da modalidade. Os autores investigam percursos históricos das alterações semânticas válidos para diferentes línguas, e buscam determinar por que significados gramaticais particulares surgem no domínio da modalidade. Apresentam-se trajetos de mudança identificados pela análise de polissemias sincrônicas: recorrentes polissemias em diferentes línguas são reinterpretadas como recorrentes trajetos de mudança gramatical e semântica. Especificamente envolvendo as noções de *habilidade*, de *possibilidade* e de *permissão*, que interessam a este estudo, os autores apresentam o seguinte trajeto de desenvolvimento:

**Figura 1** – Trajeto de desenvolvimento em direção à permissão e à possibilidade epistêmica



Fonte: Bybee *et al.* (1994, p. 199)<sup>3</sup>

O encaminhamento representado indica que a noção de *possibilidade de raiz* (condições externas a um participante que habilitam a ocorrência de um evento (Bybee *et al.*, 1994, p. 178)) pode se desenvolver a partir do sentido de habilidade (condições internas de um participante (Bybee *et al.*, 1994, p. 177)), e pode, ainda, sancionar outros valores modais, em direção à expressão ou da possibilidade epistêmica (avaliação do enunciador de que a proposição é possivelmente verdadeira (Bybee *et al.*, 1994, p. 179)) ou da permissão.

As pesquisas sobre a modalidade com a base verbal *dar* reconhecem que são expressas as noções de habilidade, possibilidade e permissão (Salomão, 2008; Souza, 2017; Görski, 2020), tal como exemplificam as ocorrências (3)-(5).

(3) *A mim nunca pilharam para declamar; não dou para essas exhibições.* (CP, século XX) – **habilidade**

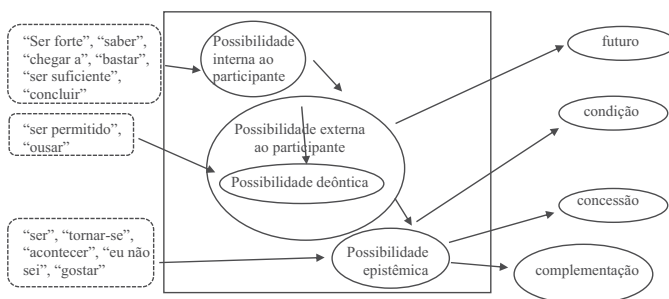
<sup>3</sup> A tradução do texto deste e de outros esquemas e de textos de citação, originalmente em língua estrangeira, são de responsabilidade da autora deste artigo.

- (4) *Estado – Em sua primeira semana à frente da PM, o crime diminuiu? Carlos Alberto de Camargo – Deu para a gente ter uma idéia de como poderemos enfrentar a criminalidade e como distribuir nossos homens nas ruas.* (CP, século XX) – **possibilidade**
- (5) *O médico explica que o covid-19 é um vírus respiratório e sua principal forma de transmissão é através de gotículas. “Durante a respiração você elimina essas gotículas, a mão infectada vai no rosto, na bola, pega na outra pessoa que está suando. A transmissibilidade é enorme, nem usando máscara no jogo não dá”, diz.*<sup>4</sup> – **permissão**

Com base em Bybee *et al.* (1994), considera-se se o trajeto de desenvolvimento “habilidade > possibilidade de raiz > permissão” se aplicaria a esse caso. Os autores defendem que as mudanças, por hipótese, são explicadas como generalização dos significados. Por exemplo, o modal *can*, no inglês, passaria pelos seguintes estágios: a) existem condições de habilidade mental no agente; b) existem condições de habilidade para um agente; c) existem condições de habilitação, de favorecimento para a realização de uma ação (*op. cit.*, p. 192).

Apoiados em Bybee *et al.* (1944), que indicam, ainda, lexemas que dão surgimento aos valores modais, Auwera e Plungian (1998) organizam um mapeamento semântico com a indicação de valores pré e pós modais. Tal representação objetiva ser uma generalização ampla para o campo modal, válida para diferentes línguas. As distinções modais assumidas por Auwera e Plungian pautam-se pela expressão da *possibilidade* e da *necessidade* em quatro domínios (modalidade interna ao participante; modalidade externa ao participante; deontico; epistêmico). A figura seguinte representa o campo semântico da possibilidade pelos estudiosos:

**Figura 2 – Trajetos no campo da possibilidade**



**Fonte:** Auwera e Plungian (1998, p. 94)

<sup>4</sup> O exemplo apresentado em (5), localizado na internet (disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/jogar-futebol-ou-volei-e-a-melhor-forma-de-transmitir-o-virus-alerta-medico>), ilustra com muita clareza o valor deontico, o que justifica sua apresentação.

O campo modal, disposto no retângulo central, apresenta as relações entre os significados, em consonância com a proposta de Bybee *et al.* (1994). Os valores modais identificados para a construção modal com *dar* seriam, nos termos de Auwera e Plungian, *possibilidade interna ao participante* (ocorrência 3), *possibilidade externa ao participante* (ocorrência 4) e *possibilidade deôntica* (ocorrência 5).

Ainda na figura 2, valores pré e pós-modais indicados, respectivamente, pelos retângulos vazados à esquerda e pelos ovais fora do retângulo, à direita, são, também, baseados predominantemente em Bybee *et al.* (1994). A dimensão diacrônica da figura fica evidenciada pelas flechas indicativas de tendências de desenvolvimentos. Além disso, a disposição das flechas mostra que um item modal não necessariamente passará por todo o trajeto (de *possibilidade interna ao participante* a *possibilidade epistêmica*, por exemplo) e, dessa forma, um valor epistêmico pode surgir sem que os valores permissão e/ou habilidade estejam estabelecidos. Porém, se houver polissemia, e essa envolver um valor epistêmico, por exemplo, por hipótese, este será posterior aos demais significados.

Essas propostas delimitam o campo modal e apontam percursos de desenvolvimento, em que a mudança se daria de uma dimensão mais concreta, mais descritiva (habilidade, possibilidade interna ao falante) para uma mais abstrata, mais avaliativa (possibilidade epistêmica), e isso representaria um aumento gradual de subjetividade (de menor para maior ligação a estados de crença e opiniões do falante) (Traugott; Dasher, 2002; Traugott, 2010).

Os desenvolvimentos que envolvem aumento de abstratização no campo modal foram também postulados por Sweetser (1990). Em bases cognitivistas, a estudiosa explica que os significados modais de raiz (deôntico e habilitativo) se estendem ao domínio epistêmico, porque a linguagem do mundo externo é usada para aplicação ao mundo mental interno, que é metaforicamente estruturado em paralelo com esse mundo externo. A autora se apoia na proposta de Talmy (1988) e defende que a metáfora de forças e barreiras está na base de nossas interpretações modais. Assim, por exemplo, o significado do modal inglês *may* representaria uma barreira ausente do mundo sociofísico (para valores não epistêmicos), ou do mundo mental, das premissas (para valores epistêmicos), enquanto o modal *can* indicaria a condição (do mundo sociofísico ou mental) favorecedora de uma atividade. A extensão pode alcançar, ainda, o nível conversacional, dos atos de fala, com um valor concessivo, como em *He may be a university professor, but he sure is dumb* (Sweetser, 1990, p. 70), em que há uma admissão (ausência de barreira no mundo conversacional), no primeiro segmento (em tradução livre: “ele pode ser professor universitário”), como parte de uma estratégia de gerenciamento discursivo.

Há propostas para o campo modal baseadas na mudança de escopo na sentença, de orientação da modalidade. É assim que Narrog (2012) observa que, quando envolve categorias gramaticais do verbo, em geral, a alteração vai de categorias com escopo mais estreito, ou seja, categorias relativamente mais baixas na hierarquia das categorias gramaticais, para categorias com o mesmo escopo, ou escopo mais amplo, sendo essa

alteração mais importante do que a mudança entre domínios modais (de valores não epistêmicos para epistêmicos, por exemplo): “a hipótese é que a mudança de significado será sempre de ‘dentro’ para ‘fora’ da sentença, de escopo mais restrito para mais amplo, de significado orientado para o evento em direção a significado orientado para o ato de fala” (Narrog, 2012, p. 110)<sup>5</sup>.

Nessa mesma direção de pesquisa, de alterações de escopo, pode ser observada a classificação modal de Hengeveld (2004, 2017), relacionada à Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie, 2008), um modelo de descrição gramatical pautado na organização em níveis e em camadas. A proposição de Hengeveld (2004) parte do cruzamento de dois parâmetros, o alvo (parte da sentença que é modalizada) e o domínio (perspectiva em que acontece a avaliação modal). As possibilidades combinatórias são apresentadas no quadro seguinte.

**Quadro 1** – Distinções modais de Hengeveld

<i>Alvo</i>	<i>Domínio</i>	
<i>Orientada para participante</i>	<i>Facultativa</i>	<i>Deôntica</i>
<i>Orientada para evento</i>	<i>Facultativa</i>	<i>Deôntica</i>
<i>Orientada para episódio</i>		<i>Epistêmica objetiva</i>
<i>Orientada para proposição</i>		<i>Epistêmica subjetiva</i>

**Fonte:** Adaptado de Hattnher e Hengeveld (2016)

As orientações de modalidade propostas representam diferentes configurações que permitem avaliar graus distintos de gramaticalidade dos elementos modais (Hattnher; Hengeveld, 2016). A hipótese para o desenvolvimento no campo modal é: *orientada para o falante* > *orientada para o evento* > *orientada para o episódio* > *orientada para a proposição*.

Na proposta de Hengeveld, as ocorrências (3) a (5), já apresentadas, seriam expressão da modalidade facultativa orientada para o participante, da facultativa orientada para o evento e da deôntica orientada para o evento.

A *modalidade facultativa orientada para o participante* (FOP) afeta a parte relacional da sentença como expressa por um predicado e se refere à relação entre (propriedades de) um participante em um evento e a potencial realização desse evento. No domínio facultativo (referente à capacidade intrínseca ou adquirida), descreve-se a habilidade de um participante de se envolver no tipo de evento designado pelo predicado. Ocorrências com *dar* e valor FOP registram capacidade, aptidão, tendência de um sujeito humano para realizar uma atividade, como ilustra (3) (“*não dou para essas exposições*”).

A *modalidade facultativa orientada para o evento* (FOE) afeta a descrição do evento contido na sentença, ou seja, a parte descritiva de uma sentença, e se refere à

<sup>5</sup> No original: “[...] the hypothesis was advanced that meaning change will always proceed from ‘inside’ to ‘outside’ the sentence, from narrow scope to wide scope, and from event-oriented meaning to speech act-oriented meaning.

avaliação objetiva do estatuto de atualidade do evento. Em outras palavras, descreve-se a existência de possibilidades, obrigações gerais etc., sem que o falante tome responsabilidade por esses julgamentos. No domínio facultativo, caracteriza-se em termos de condições circunstanciais ou físicas que permitem a ocorrência do evento descrito na sentença, como a ocorrência (4) (“*deu para a gente ter uma ideia de como enfrentar a criminalidade ...*”), que pode ser parafraseada em termos de “existem condições favorecedoras para o evento (a gente ter uma ideia de como enfrentar a criminalidade)” ou “é possível a gente ter uma ideia de como enfrentar a criminalidade”. Diferentemente da modalidade FOP (ocorrência 3), a FOE (ocorrência 4) não se refere às aptidões de um participante, a possibilidade de ocorrência de um evento se liga às circunstâncias em que um evento ocorre.

No domínio *deôntico orientado para o evento* (DOE), caracterizam-se estados de coisas em termos daquilo que é obrigatório ou permitido em um sistema de convenções morais ou legais, regras de conduta. A permissão ou obrigação, nesse caso, não recai sobre um participante particular, mas é generalizada, como exemplifica (5). Há, no exemplo, uma norma de conduta para o período da pandemia por covid-19, expressa por uma autoridade médica que indica não ser permitido (*não dá*) jogar bola, mesmo usando máscara.

Observe-se que, como Bybee *et al.* (1994), Hengeveld (2017) prevê anterioridade de surgimento de usos habilitativos (facultativo orientado para o participante), mas diferentemente daqueles, não considera posterioridade/anterioridade entre os valores que toma por orientados para o evento (*facultativo e deôntico*).

Esses diferentes trajetos são considerados na análise proposta nesta pesquisa. Para referência aos valores modais expressos pela construção com *dar*, adotam-se os termos *habilidade*, *possibilidade* e *permissão*. Como discutido, as propostas de Bybee *et al.* (1994), de Auwera e Plungian (1998), de Hengeveld (2004) utilizam outros termos para referência a esses valores.

Além dos aspectos semânticos da mudança, os formais precisam ser considerados conjuntamente. Para tanto, oferecem também suporte analítico, para este trabalho, os estudos sobre o desenvolvimento de verbos auxiliares. Nestas pesquisas, consideram-se que os verbos podem sofrer gramaticalização, passar por alterações em que perdem propriedades de verbos plenos e assumem propriedades de verbos auxiliares, expressando funções gramaticais como a modalidade (Heine, 1993; Olbertz, 1998; Coelho; Silva, 2014; Hattner; Hengeveld, 2016; Görski, 2020; Traugott; Dasher, 2022, entre outros). Essas mudanças seguem tendências indicadas pelos estudiosos, em que os verbos, de modo geral: deixam de se referir a situações concretas e passam a se referir a atividades, a eventos e daí a expressar funções gramaticais de tempo, aspecto e modalidade; passam a se associar a formas verbais não finitas e com elas formam unidade semântica e sintática; sofrem decategorização.



## Mudanças construcionais

Para este estudo, assume-se abordagem do uso, embasada em pressupostos da mudança construcional (Traugott; Trousdale, 2021). Nessa orientação teórica da gramática, consideram-se línguas humanas como conjuntos de construções, ligadas entre si, como nós constituintes de uma rede, um sistema. As construções são entendidas como pareamentos simbólicos de forma e de sentido/função, convencionalizados, rotinizados pelo uso, ligados a processos cognitivos de domínio geral, como memória enriquecida, categorização, *chunking* (Bybee, 2016).

A proposta de Traugott e Trousdale (2021), para representar a construção, é baseada em Croft (2001): [FORMA] ↔ [SIGNIFICADO]. As dimensões de forma e de significado estão conectadas por uma correspondência simbólica. A dimensão formal inclui aspectos sintáticos, morfológicos e fonológicos; a do significado envolve fatores discursivos, pragmáticos e semânticos (Traugott; Trousdale, 2021, p. 36). As construções compõem uma rede e estão conectadas umas às outras, por relações de herança.

Em perspectiva diacrônica, as construções, que retratam o conhecimento linguístico dos falantes, tornam-se mais abstratas e mais esquemáticas, o que pode ser estudado por meio de três fatores, considerados relevantes para a descrição construcional: a composicionalidade, a esquematicidade e a produtividade. Essas propriedades são analisadas como gradientes e, em perspectiva diacrônica, se alteram.

A composicionalidade refere-se ao grau de transparência entre forma e significado, tanto em nível sintático, como semântico. Semanticamente, uma construção é mais composicional, quando o significado de seus elementos componentes ainda pode ser recuperado pelo significado do todo. Bybee (2016) (baseada em Langacker (1987) e em Croft e Cruse (2004)) pontua a distinção entre a composicionalidade semântica e a analisabilidade de uma construção. A primeira propriedade refere-se ao grau de previsibilidade do significado do todo com base nas partes componentes, e a segunda refere-se ao reconhecimento da contribuição de cada parte para a composição conceitual. Em termos sintáticos, a composicionalidade relaciona-se à integração morfossintática das subpartes, sendo a construção mais composicional, se os elementos da construção ainda retêm propriedades gramaticais da categoria fonte. Prevê-se que, historicamente e de modo gradual, as construções perdem composicionalidade.

A esquematicidade, segundo parâmetro relevante para a descrição construcional, diz respeito a propriedades de categorização que formam os esquemas da língua, entendidos como padrões de experiência rotinizados, inconscientemente percebidos pelos usuários da língua. Essa propriedade envolve diferentes níveis de generalidade ou especificidade das partes das construções e relações hierárquicas. Como observa Bybee (2016, p. 28), a construção é “pareamento direto entre forma e significado que tem estrutura sequencial e pode incluir posições que são tanto fixas quanto abertas”. Traugott e Trousdale (2021) indicam as seguintes dimensões, hierarquicamente organizadas: esquemas (padrões mais genéricos da rede construcional), subesquemas e microconstruções (conjuntos

mais específicos com comportamento similar) e construtos (aquilo que os falantes produzem e os ouvintes processam).

Interrelacionada à esquematicidade está a produtividade, terceiro parâmetro relevante para a descrição construcional. Para Traugott e Trousdale (2021, p. 50), a produtividade diz respeito à extensibilidade, e envolve o grau em que os esquemas sancionam/abrigam outras construções menos esquemáticas e o grau em que tais esquemas são restringidos. A produtividade liga-se à frequência de uso que pode ser examinada como *type* (um padrão particular) ou *token* (ocorrências, construtos), conforme observa Bybee (2003). Em termos diacrônicos, há aumento de produtividade, de esquematicidade das construções (Traugott; Trousdale, 2021). O aumento de produtividade também pode ser aferido pelo leque colocacional da construção, que pode ser ampliado, aumentando, assim, a frequência *type*. Neste particular, a proposta de Traugott e Trousdale encontra apoio na “análise colostrucional” (Hilpert, 2012, por exemplo), em que se examinam os tipos categoriais que ocupam posições da construção.

Traugott (2016) discute a integração de tradicionais mapeamentos semânticos (como os de Bybee *et al.* (1994) e de Auwera e Plungian (1998)) a uma orientação construcional. A autora aponta, como uma questão inicial para a conciliação entre esses mapeamentos semânticos e uma abordagem construcional, o fato de que esta considera, conjuntamente, fatores semântico-pragmáticos e formais, enquanto aqueles focalizam apenas aspectos semânticos. A proposta de Traugott (2016) é que mapas de conectividade semântica da modalidade sejam reconceitualizados como modelos das relações entre microconstruções, que são, afinal, ligadas a um nível macroconstrucional. Os esquemas e subesquemas refletem espaços conceituais, entendidos como representações de funções e suas relações entre si.

A mudança linguística, conforme postulam Traugott e Trousdale (2021), pode envolver apenas uma dimensão da construção – a forma ou o significado (como, por exemplo, a alteração morfofonológica, na língua inglesa, de *will* para *'ll* que diz respeito apenas à dimensão formal), caracterizando o que denominam mudança construcional. Podem, ainda, as alterações envolver dimensões formais e semânticas-pragmáticas que levam à criação de um novo pareamento de forma e significado, um novo nó na rede construcional (como, por exemplo, o desenvolvimento dos quantificadores “*a lot/bit/shred of a N*”, na língua inglesa, cujas alterações envolvem as dimensões morfossintáticas, semânticas, pragmáticas), sendo, nesse caso, constituído o processo de construcionalização.

Em Traugott e Trousdale (2021), reconhecem-se dois mecanismos ligados aos micropassos de mudança: a neoanálise de formas morfossintáticas e de significados semântico-pragmáticos, que explica o surgimento de novas propriedades para uma forma emergente; a analogização, o recrutamento de um item para um esquema já existente na língua.

## Procedimentos metodológicos

A fim de reunir dados representativos da língua portuguesa contemporânea do Brasil, a pesquisa serviu-se de dois conjuntos de material de fala, o *C-Oral Brasil* (<http://www.c-oral-brasil.org/>) e o *corpus* mínimo do projeto Norma Urbana Culta (doravante, NURC). Utilizaram-se, ainda, dados do *Corpus do Português* (doravante, CP), disponível em [corpusdoportugues.org](http://corpusdoportugues.org), que reúne textos escritos e falados. Do CP, além dos dados do século XX, foram utilizados textos das sincronias pretéritas.

O C-Oral-Brasil é um *corpus* de referência da língua portuguesa falada, em contexto natural, organizado por pesquisadores da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). As 139 gravações abarcam contexto familiar ou público e cada um desses contextos apresenta três tipos de conversação (monólogos, diálogos e conversações (diálogos com mais de dois participantes)), em situações bastante diversificadas.

O chamado *corpus* mínimo do NURC, também referido como *corpus* compartilhado do NURC, em que se fundamentou o projeto “Gramática do português falado”, é constituído por três inquéritos de cada capital abarcada pelo NURC (Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Salvador), sendo um de cada tipo (EF, elocução formal; DID, diálogo entre informante e documentador; e D2, diálogo entre dois informantes), em um total de 15 inquéritos.

Examinou-se o banco de dados original do CP, que possui mais de 45 milhões de palavras (aproximadamente 20 milhões do século XX, 10 milhões do século XIX e 16 milhões do século XIII a XVIII), do português brasileiro e europeu, e distribuídos em diversos registros<sup>6</sup> (oral, escrito, ficção, jornalístico, acadêmico).

Reconhecem-se as limitações que a pesquisa diacrônica sempre apresenta, dada a pouca abrangência dos dados disponíveis. Mas, ainda que qualquer *corpus* ofereça um recorte parcial da língua, entende-se que o CP é, entre os disponíveis, representativo, dadas a extensão e a diversidade de registros contemplados.

Para a seleção de dados do NURC e do C-Oral-Brasil, as transcrições foram lidas e as gravações, ouvidas, integralmente. Desse conjunto, localizaram-se ocorrências de “dar (para)”, seguido, ou não, de verbo não finito ou nome, com valor modal. Para levantamento no CP, utilizaram-se ferramentas de busca disponíveis no sistema que abriga os dados, a saber: *[dar]*; *[dar] [para]*; *[dar]\*[para]*.

Por meio do código *[dar]*, o sistema apresenta todas as ocorrências do verbo em qualquer flexão e com qualquer ortografia, com a possibilidade de selecionar a sincronia desejada. Essa ferramenta foi utilizada para exame dos textos dos séculos XIX e XX. O sistema apresentou 38.476 ocorrências de *[dar]* no século XX, e 27.264, no século XIX. Desse conjunto, selecionaram-se todas as ocorrências em que fosse possível leitura modal.

---

<sup>6</sup> O CP oferece informações sobre tipos e gêneros dos textos apenas para as amostras do século XX.

Nesse exame de todas as ocorrências de *dar*, nos textos dos séculos XIX e XX do CP, verificaram-se outras microconstruções modais, além das ilustradas anteriormente pelos construtos (1)-(5). Ilustram (6)-(8):

- (6) *Profundo devia ser esse meditar que não **dava de** perceber os passos abafados de Miguel. ...e não se me **dá de** crer que a câmara é capaz de aprovar aquela resposta e...* (CP, século XIX)
- (7) *Poucas vezes me foi **dado** compreender melhor o que significam aquelas palavras: ganhar o pão de cada dia.* (CP, século XX)
- (8) *E **dá repousar-me** teu seio... **Dá que** eu goze o talismã.... **Dá que** ali repouse a fronte.* (CP, século XIX)

As ocorrências (6) e (7) expressam possibilidade (existem condições circunstanciais, físicas que permitem a ocorrência do evento descrito na sentença), e a ocorrência (8) permite interpretação deôntica, um participante solicita consentimento para realizar o estado de coisas designado pelo predicado.

Notou-se, entretanto, que esses casos são pouco frequentes, e que o padrão mais recorrente com a base verbal “dar”, para expressão de modalidade, são as microconstruções com a preposição “para” seguida de nome ou verbo não finito ou aquelas em que *dar* ocorre sem conteúdo introduzido por *para*, e sem verbo não finito (como, por exemplo, 2c, “eu tentei fazer uns sambas, mas não deu”, parafraseável por “não deu para fazer uns sambas”). Definiu-se, então, investigar as microconstruções modais com *para* e as microconstruções em que *dar* escopa elemento textual, discurso anterior.

Instâncias de uso sem conteúdo oracional encaixado (como ilustram 2c e 2d, apresentadas na seção introdutória), foram localizadas nos dados do século XX, mas não nos do século XIX. Por isso, para levantamento de dados das demais sincronias, utilizou-se ferramenta de busca com a preposição *para*. Por meio do código [*dar*] [*para*], selecionaram-se todas as ocorrências de *dar* seguido da preposição *para* (em qualquer flexão, no caso do verbo, e em qualquer ortografia, para ambos) e, por meio do terceiro código, [*dar*]\*[*para*], localizaram-se os casos em que há algum elemento interveniente entre o verbo e a preposição. Analisaram-se todas as ocorrências que essas ferramentas localizaram, entre os dados dos séculos XIV e XVIII, e selecionaram-se as que possuem valor modal.

### Microconstruções modais com *dar*

No português contemporâneo, identificam-se microconstruções modais com valores de habilidade, de possibilidade, de permissão, exemplificadas pelas instâncias (3)-(5), repetidas, na sequência. As microconstruções com valor de habilidade, como (3), são formadas por um participante humano na função morfossintática de sujeito de *dar* e, e nos textos examinados, a quase totalidade das instâncias é seguida por um nome que se

refere a uma atividade. Na maior parte das microconstruções com valor de possibilidade ou permissão, como exemplificam (4) e (5), *dar* assume a forma impessoal, em uma construção complexa (*dar para*+ V2<sub>inf</sub>), (4), ou pode ser constituída por *dar* com escopo sobre um conteúdo comunicado, (5).

- (3) *A mim nunca pilharam para declamar, não dou para essas exibições.*  
 (4) *Deu para a gente ter uma idéia de como poderemos enfrentar a criminalidade [...].*  
 (5) *A transmissibilidade é enorme, nem usando máscara no jogo não dá.*

Para verificar trajetos de desenvolvimento modal, anterioridade/posterioridade de surgimento entre os valores modais, as instâncias de uso das microconstruções modais com *dar* foram inicialmente agrupadas pelos valores modais que expressam. A tabela 1 apresenta essa verificação inicial.

**Tabela 1** – Instâncias de construções modais com *dar*

	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	total
<b>Habilidade</b>	1	0	1	0	19	14	35
<b>Possibilidade</b>	1	2	2	1	29	647	682
<b>Permissão</b>	-	-	-	-	-	7	7
<b>TOTAL</b>	2	2	3	1	48	668	724

**Fonte:** Elaboração própria

Localizaram-se ocorrências nos textos do século XV em diante. Os dados dos séculos XV a XIX são apenas do CP. As 668 ocorrências do século XX (penúltima coluna) se distribuem pelos três *corpora* de que se serviu a pesquisa, da seguinte forma: 80% (537 ocorrências) são provenientes do CP; 16% (105 ocorrências) são do C-Oral-Brasil; e 4% (26 ocorrências) são do Projeto NURC.

Como se observa pela tabela, as instâncias mais remotas que implicam sentido de capacidade – intrínseca ou adquirida – são dos séculos XV e XVII (exemplos 9 e 10).

- (9) Século XV: *Outrossy neste tempo chegaram cartas ao comde dell rrey de Castela, em que lhe rrogava que tevesse campo ètre hû seu cavaleiro que se chamava Lopo Affonso de Momte Mollym & outro cavaleiro da casa dell rrey d’Aragão que se chamava Mosẽ Filipe Buyr. O comde, vemdo como tais dous cavaleiros heram mais dados pera serviço de Deus que pera se combaterẽ sobre pequeno caso, trabalhou muito, per sy & per outrẽ, de hos avir, o que nûca per nenhû modo pôde acabar.*  
 (10) Século XVII: *E paraque se saiba a razão porque este recado veyo mais por molher que por homem, se ha de saber que foy sempre custume antiquissimo*

*dos Reys destes reynos desde principio delles, tratarem as cousas de muyta importancia, & em que se requiere paz & concordia, por molheres; & isto não somente nos recados particulares que os senhores mãdão aos vassallos, como foy este agora, mas tambem nos negocios publicos & gerais que hus Reys trarão cos outros por suas embaixadas, & dão para isto por razão, que ao genero feminino, pela brandura da sua natureza, dera Deos mais afabilidade, & autoridade, & outras partes para se lhe ter mais respeito que aos homês, porque são secos, & por essa razão menos agradaueis â parte onde se mandão.*

Nas duas instâncias, os sujeitos são humanos (os cavaleiros; os reis) e se expressa uma propriedade desses participantes para a realização de um evento. Em (9), o verbo *dar* está em uma forma nominal, em microconstrução muito assemelhada a que se verifica no português contemporâneo com a preposição *a* (ser dado a), com sentido de “ter inclinação para”.

O exemplo (10), por sua vez, apresenta forma mais próxima daquelas localizadas no português contemporâneo, com valor capacidade, habilidade, e *dar* em forma não finita. Uma paráfrase possível pode ser “ter inclinação para, ter costume de”, também próxima da microconstrução “ser dado a”, no português contemporâneo. Entende-se que esses contextos de uso podem ter gerado implicaturas convencionalizadas no sentido de “ter capacidade para realizar uma atividade”, valor que se mostra regular, nos textos dos séculos XIX e XX, especialmente com um nome, em instâncias da microconstrução [N<sub>humano</sub> dar para N]:

- (11) Século XIX: *O rapaz era esperto; até demais; porém não dava para clérigo, como dizia então o povo, dos que não mostravam aptidão literária.*
- (12) Século XX: *Voltou a sorrir lentamente e pensou: Eita, trabalho da-nado de complicado! O Deuca é inteligente. Quem diria que o Deuca dava para êsse negócio de banco?*

Em todo o *corpus* da pesquisa, localizaram-se apenas três instâncias de microconstrução habilitativa, com verbo, [dar para + V2], duas do século XIX (13) e uma do século XIX (14).

- (13) Século XIX: *As velhas, umas dão para rezar, outras para ralhar desde a manhã até à noite, outras para lavar cachorrinhos ou para criar pintos; esta deu para criar mulatinhas princesas. É um divertimento um pouco mais dispendioso na verdade.*
- (14) Século XX: *É de cortar o coração. Um pobre morrer à míngua é qual-quer coisa que berra contra a natureza. Não dou para assistir a esses espetáculos. Tenho o coração mole.*

O que se pode notar, com base nos dados identificados, é que o padrão mais convencionalizado da microconstrução habilitativa apresenta um nome na posição 2 (como 11 e 12), e não um verbo (como 13 e 14).

Pelos dados localizados, não foi possível verificar micropassos de mudança, caminhos de rotinização para microconstruções habilitativas. Não se identificaram, ainda, nos textos examinados, indícios que sugerissem proximidades entre microconstruções habilitativas e possibilitativas. Em outros termos, não se observaram contextos que demonstrassem aproximações pragmáticas, inferências, polissemias, o que seria esperado, para confirmar a hipótese de que microconstruções de habilidade sancionaram as de possibilidade. Além disso, como mostra a tabela 1, construtos mais antigos de microconstruções habilitativas e possibilitativas foram localizados no mesmo período, século XV, o que não comprova precedência de qualquer um deles, nos textos examinados. Portanto, a mudança de habilidade para possibilidade, investigada com base nas previsões de mudança no campo modal (Bybee *et al.*, 1994; Auwera; Plungian, 1998; Hengeveld, 2017) não foi atestada pela pesquisa.

Os resultados apresentados na tabela 1 mostram, ainda, que instâncias da microconstrução deontica foram encontradas apenas nos dados do século XX, e é significativo que as sete ocorrências com valor de permissão sejam provenientes dos dados falados do C-Oral Brasil. A análise dos dados aponta um caminho de emergência da construção impessoal, em que as microconstruções com valor de possibilidade sancionaram as com valor de permissão. A próxima subseção é dedicada a apresentar uma proposta de exame desse percurso.

### **Da microconstrução transferencial habilitativa para a impessoal possibilitativa**

Nesta subseção, analisam-se as instâncias de uso com sentido de possibilidade e de permissão. Como mostra a tabela 1, já apresentada, desse conjunto, localizaram-se 689 construtos, somando-se todas as sincronias, sendo 682 com valor possibilidade e 7 com valor permissão. Os dados mais antigos que permitem leitura modal apresentam-se em microconstrução *transferencial de recursos para uma finalidade* ou *transferencial habilitativa*, como exemplifica (15), do século XV:

- (15) *E dévesse huser assy de galope por hûu tempo, por tal que estes avysamentos todos se possam mylhor filhar, specialmente o ssacudir do braço; por que poucos o fazem assy bem. E antre todallas cousas saibha conhecer o contrapeso da lança deanteira que lhe deve dar pera a fazer hyr feita, e em correndo a leve assy apertada que, quando a lançar, a ponta vaa toda direita aly hu tener teençom.* (CP, século XV)

A ocorrência (15) é retirada de um texto que traz orientações sobre a arte de cavalgar (*Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela*), pode ser parafraseada



por “é preciso que aquele que vai cavalgar conheça o contrapeso da lança dianteira e este deve possibilitar a lança ir na direção desejada”. Em (15), ocorre uma oração relativa, subordinada ao sintagma “contrapeso da lança dianteira”, e com o verbo *dar* modalizado por *dever*. Verifica-se, aí, microconstrução *transferencial habilitativa para uma finalidade*, com sujeito morfossintático representado por pronome relativo com referência a um participante inanimado (*o contrapeso da lança*), um recurso que capacita outro participante, humano (beneficiário da transferência de *dar* e marcado morfossintaticamente pelo pronome dativo *lhe*, com referência a cavaleiro), a realizar determinado evento (*para fazer a lança ir feita*). Em outros termos, lê-se que determinada propriedade física (*o contrapeso da lança*) possibilita a um participante (*o cavaleiro*) realizar um evento (*fazer a lança ir feita*).

Essa microconstrução *transferencial habilitativa para uma finalidade* é, para o valor possibilidade, a encontrada, não apenas no século XV, mas também nos séculos XVI, XVII e XVIII, como ilustram (16)-(17), na sequência.

- (16) *Pedia o marido ao padre lhe fosse rezar um Evangelho, mas era em tempo que lho não davam para isso as ocupações do serviço de Deus.* (CP, século XVI)
- (17) *Não contão os Evangelistas mais da vida de Christo dos doze annos até os trinta de sua idade; & este silencio falla muyto, **no muyto que nos dá para considerar quam escondida esteve a Omnipotencia Divina.*** (CP, século XVIII)

Em (16)-(17), determinada propriedade do mundo social, físico (*as ocupações do serviço de Deus; o muito (de que fala o silêncio)*) constitui condição circunstancial (des)favorecedora para que um participante humano específico (*lho*, em 16; *nos*, em 17) realize ou sofra uma ação (*rezar um evangelho; considerar o quão escondida esteve a onipotência divina*).

Importa registrar, também, que, nos textos do século XVII, localizou-se uma ocorrência em estrutura passiva:

- (18) *Vendo Iorge Dalbuquerque tamanho espanto na gente, foy cercado de gradissima tristeza, & dor; por ver que ja nam tinha nenhum modo de mantimento, nem que beber, auendo j a muytos dias que nao bebiemos agua, nem vinho, & que **o vinagre que se daua pera molhar o padar**, estaua ja na borra, & que ja nao auia quem podesse dar a boba, nem teremse nas pernas com fraqueza, pos se assi muyto triste a cuydar que meyo teria pera cosolar seus copanheyros, & supitamente se leuantou tao rijo, & ledado, como se sayra de alguma festa, & começou a chamar a todos cada hum por seu nome, & tirando de hum liuro de rezar seu que escodera dos Franceses duas folhas, em huma dellas estaua nosso Senhor I E* (CP, século XVII)



A ocorrência sugere que, no século XVII, a microconstrução transferencial habilitativa já licenciava o apagamento de um participante específico habilitado, o que pode ser um indício de perda de composicionalidade nessa sincronia.

É, porém, no conjunto dos dados do século XIX que se reconhece, de modo mais definitivo, um primeiro micropasso de mudança construcional, a possibilidade de não ocorrência do pronome dativo, o participante humano alvo do recurso transferido. Como apontam Traugott e Trousdale (2021, p. 57), a mudança começa com uma nova representação na mente dos falantes por meio de neoanálise, a modificação de um elemento da construção.

Na amostra do século XIX, verificou-se que 60% das ocorrências não apresentam o pronome dativo (como em (19)), e 40% mantêm o pronome dativo (como (20)). Sem o pronome dativo, as condições que habilitam ou bloqueiam uma situação não recaem mais em um agente, há (des)habilitação genérica de uma situação.

- (19) *Mas, pouco depois de casado, Lourenço começou a desgostá-la: era um nunca terminar de festas; a casa vivia num rebuliço constante; os intervalos das pândegas não davam sequer para a trazer arrumada e limpa.* (CP, século XIX)
- (20) *Guiomar refletiu ainda muito e muito, e não refletiu só, devaneou também, soltando o pano todo a essa veleira escuna da imaginação, em que todos navegamos alguma vez na vida, quando nos cansa a terra firme e dura, e chama-nos o mar vasto e sem praias. A imaginação dela porém não era doentia, nem romântica, nem piegas, nem **lhe dava para** ir colher flores em regiões selváticas ou adormecer à beira de lagos azuis. Nada disso era nem fazia; e por mais longe que velejasse levaria entranhadas na alma as lembranças da terra.* (CP, século XIX)

Nos textos do século XX, entre as instâncias com valor de possibilidade, o apagamento do pronome dativo se revela mais definitivo: apenas 9 ocorrências (menos que 1% do conjunto de dados do século XX) apresenta pronome dativo, como (21).

- (21) *É certo que o corredor, segundo ele, andava adoentado, mas a sua condição física **dar-lhe-ia** para ir mais longe.* (CP, século XX)

Além do quase desaparecimento do pronome dativo, nos dados do século XX, observa-se que a grande maioria das ocorrências é de estrutura impessoal. Conforme será demonstrado pela tabela 2, na sequência, poucas ocorrências do século XX possuem sujeito morfossintático preenchido e, dentre esses casos, identificam-se duas situações: a) o sujeito é preenchido por um nome que representa um recurso (temporal, sociofísico) que habilita uma situação genérica (ocorrências 22); b) constituintes de natureza argumental do verbo infinitivo (sujeito ou complemento) preenchem a função

de sujeito morfossintático de *dar* (ocorrências 23), em um processo de topicalização por alçamento.

- (22) a) **meu tempo** não dá não dá pra eu estudar ((rindo)) plantas não – **meu tempo** nunca deu porque até: eu começar a trabalhar eu tive três filhas e: (CP, século XX)  
b) as tardes não tinham fim, **as viagens**, lentas, davam para pensar e voltar a pensar; criar figuras entre ir e vir, entre o que se pronunciava e o que se sabia (CP, século XX)  
c) Era usuário mas **minha condição** não dava pra ser usuário continuamente. Eu era usuário quando sobrava uma ponta, quando tinha dinheiro, uma arma para trocar. (CP, século XX)
- (23) a) **você** já dá pra deixar o pessoal caminhar sozinho e o padre não quer deixar o pessoal caminhar sozinho entendeu? (CP, século XX)  
b) Estado – Qual a participação de capitais de curto prazo nos US\$ 60 bilhões das reservas cambiais? Franco – **Isso** não dá para responder porque nossas reservas não têm necessariamente a ver com os ativos que existem dentro do Brasil e que podem, num curto prazo, se transformar em moeda estrangeira (CP, século XX)  
c) Mas **a máquina** ainda dá para recuperar? Está tudo enferrujado..! – “Ah.. mesmo assim” (CP, século XX)

Ocorrências como as de (23), nos dados da pesquisa, em menor número que as de (22), podem ser analisadas como instâncias da microconstrução impessoal. Seriam esses casos de alçamento (Noonan, 2007), em que um argumento (sujeito (23a) ou objeto (23b); (23c)) do verbo infinitivo é deslocado para ocupar a posição de sujeito morfossintático de *dar*, motivado por questões pragmáticas. Há divergência entre o estatuto morfossintático e semântico do constituinte nominal que preenche a função sujeito de *dar*.

Entre os textos do século XX, no conjunto dos dados interpretados com valor de possibilidade e de permissão<sup>7</sup>, nota-se prevalência de formas impessoais (microconstruções [dar<sub>impessoal</sub> para V2<sub>inf</sub>] e [dar<sub>impessoal</sub>]) como demonstra a tabela 2.

---

<sup>7</sup> Conforme na tabela 1 já apresentada, no século XX, localizaram-se 647 instâncias com interpretação de possibilidade e 7 de permissão, totalizando-se 654 ocorrências. São esses dados que aparecem distribuídos entre as três microconstruções, na tabela 2.

**Tabela 2** – Microconstruções, no século XX, com valor modal

[dar (para V2 <sub>inf</sub> )] <sub>MODAL</sub>				
	[N dar para V2 <sub>inf</sub> ]	[dar <sub>impessoal</sub> para V2 <sub>inf</sub> ]	[dar <sub>impessoal</sub> ]	TOTAL
<b>CP</b>	87 (17%)	368 (70%)	69 (13%)	524 (100%)
<b>C-Oral, NURC</b>	12 (9%)	69 (53%)	49 (38%)	130 (100%)
<b>TOTAL</b>	99 (15%)	437 (67%)	118 (18%)	654 (100%)

Fonte: Elaboração própria

A frequência *token* das microconstruções com sujeito impessoal representa, no total, 85% dos dados examinados (67% de [dar<sub>impessoal</sub> para V2<sub>inf</sub>] e 18% [dar<sub>impessoal</sub>]), e indica convencionalização, fixação do padrão impessoal. O apagamento do argumento sujeito é mais um micropasso de mudança em que a anulação da grade temática do verbo concorre para a genericidade da habilitação, para perda de composicionalidade e aumento de esquematicidade. As ocorrências em (24), repetidas por conveniência, exemplificam:

- (24) a) *Deu para a gente ter uma idéia de como poderemos enfrentar a criminalidade* (CP, século XX)  
 b) \*REG: [9] *porque a contração já vinha assim / de três em três passos já nã dava pa andar* // \$ (C-Oral, bfmmn.28)

Nota-se que houve uma neanálise que sanciona uma nova microconstrução, impessoal. O constituinte que era um recurso franqueador ou bloqueador de determinado evento não se instancia mais, e o sentido é de uma habilitação geral, de possibilidade circunstancial. Entre as microconstruções impessoais com *dar*, está a que ocorre como uma peça com maior mobilidade sintática, sem combinação com oração introduzida por “para”, com escopo em porções textuais, discursivas, como exemplificam (25):

- (25)  
 a) *Você quer festejar à noite? Hoje? Que pena, não vai dar. Estou pregado, a viagem foi longa e cansativa. Quero deitar cedo, preciso me recuperar. Ora, não se aborreça, princesa, podemos festejar no domingo...* (CP, século XX)  
 b) *Até já tentei, mas não consegui, me distraio no melhor da festa, leio, leio, vou virando as páginas e de repente nem sei do que se trata, meu pensamento voa longe... não vou ler este livro, não dá, Gê!* (CP, século XX)  
 c) \*HER: [244] *tem uma colher aí do lado / o' //* \$  
     \*CAR: [245] *dá pra fazer alguma coisa* // \$  
     \*MAC: [246] *dá* // \$  
     \*HER: [247] *já estão fazendo* // \$ (C-ORAL, bfmacv18)

Nesses casos, a modalização recai sobre um conteúdo compartilhado na troca comunicativa (nos exemplos, *festear à noite*; *ler o livro*; *fazer alguma coisa*). Olbertz (1998) indica que expressar as funções gramaticais sem a presença de uma combinação com um componente lexical verbal, quando uma situação conceitual a ser modificada foi especificada imediatamente antes, é uma propriedade típica de semi-auxiliares, de verbos a caminho de auxiliarização. Heine (1993) também indica essa propriedade como reveladora de uma das etapas do desenvolvimento gramatical dos verbos. O verbo *dar* que compõe a construção, portanto, deixa de selecionar argumentos e passa a atuar como um auxiliar modal. Esse é mais um micropasso de mudança construcional (ao lado da perda do pronome dativo e da perda do sujeito).

Como mostrou a tabela 2, a microconstrução impessoal [*dar*<sub>impessoal</sub>] corresponde a 18% do total da amostra do século XX (penúltima coluna da tabela 2). Observando-se os dados distribuídos nas amostras que são apenas de fala (NURC e C-Oral) e naquela que predomina texto escrito (CP), essa microconstrução impessoal, mais “avulsa”, se revela mais frequente entre os textos falados, porque, desse conjunto apenas de língua falada (NURC e C-Oral), corresponde a 38% dos casos (49/130), enquanto nos dados em que predomina língua escrita, do CP, corresponde a 13% dos casos (69/524). A escrita, como se sabe, é mais resistente a inovações que surgem da fala espontânea, e o maior porcentual nos dados que são apenas falados pode ser interpretado como mais indicio de que a estrutura é recente na língua portuguesa.

Convencionalizado o sentido de “habilitação geral, de possibilidade circunstancial”, a microconstrução passa a ser utilizada em contextos em que esse franqueamento para um evento se associa a um conjunto de normas (legais, sociais, médicas) e, então, se permite um valor deôntico para a microconstrução. Em outros termos, as condições (des)favorecedoras para a ocorrência do evento podem se relacionar a convenções, a regras de conduta, como em (26):

- (26) \*BRU: [85] *o filhote tá começando a ficar com fome / tal / e aí eles fazem a coisa* // \$  
 \*BRU: [86] *que nũ pode contar / nũ dá* // \$  
 \*PRI: [87] *<tá hhh>* // \$  
 \*JAN: [88] *<que coisa>* // \$  
 \*BRU: [89] *<tem que assistir>* // \$  
 \*PRI: [90] *<não / é> do filme* // \$  
 \*JAN: [91] *<mas que coisa>* // \$  
 \*PRI: [92] *nũ quero saber* // \$  
 \*BRU: [93] *nũ dá pra contar o final do filme* // \$  
 \*JAN: [94] *eu vou olhar na internet* // \$  
 \*PRI: [95] *ah / <por que que cê nũ assiste> / hein* // \$  
 \*BRU: [96] *<tá bom>* // \$  
 \*BRU: [97] *posso contar / <então>* // \$  
 \*JAN: [98] *<pode>* // \$

\*PRI: [99] ah // \$  
\*PRI: [100] nũ sei / ué // \$  
(C-ORAL, bfmav22)

Como observa Hengeveld (2004), a modalidade deôntica orientada para o evento caracteriza estados de coisas em termos daquilo que é obrigatório ou permitido em um sistema de convenções morais ou legais, regras de conduta. A fonte deôntica, em (26), são regras de convívio social, segundo as quais não se conta toda a história de filmes, livros, o que retiraria parte do prazer daquele que ainda não consumiu a obra. E, com base nessa fonte deôntica, se compreende a ausência de permissão em *não dá para contar o filme* e *não dá*. O modal *poder*, com sentido de permissão, ocorre na mesma fala, e reforça a modalização deôntica.

Nos dados da pesquisa, notou-se que as microconstruções impessoais com valor possibilitativo (como 24, 25) são muito mais frequentes que as permissivas (como 26). Postula-se que são microconstruções ligadas por relações de herança em que as de permissão são posteriores às de possibilidade. Esse deslizamento vem ao encontro das previsões de mudança no campo modal (Bybee *et al.*, 1994; Auwera; Plungian, 1998), em que a possibilidade circunstancial pode sancionar a permissão. Confirmaria, ainda, a mudança em termos de aumento de escopo (Narrog, 2012), em que o modalizador tem mais mobilidade e escopa porções maiores.

## Considerações finais

Nesta pesquisa, investigou-se a emergência de microconstruções modais com *dar*, em textos escritos entre os séculos XIV e XX, e em textos falados do século XX. Sustentaram as análises as propostas de mudança construcional, as hipóteses de desenvolvimento semântico da modalidade e de surgimento de verbos auxiliares.

A alteração do valor de habilidade para possibilidade, considerada com base em um arranjo sincrônico dos dados, e em hipóteses de desenvolvimento da modalidade (Bybee *et al.*, 1994; Auwera; Plungian, 1998; Hengeveld, 2017), não se confirmou para as microconstruções modais com *dar*. O desenvolvimento do valor possibilidade para o valor permissão (Bybee *et al.*, 1994; Auwera; Plungian, 1998), por outro lado, encontrou apoio nos textos examinados.

Nos dados desta pesquisa, microconstruções impessoais com valor de possibilidade e de permissão foram localizadas apenas nos dados do século XX, o que é indício de sua juventude. As instâncias mais remotas, que permitem valor modal, são do século XV e possuem estrutura transferencial habilitativa para um propósito. Nelas, observa-se que determinado elemento do mundo sociofísico é metaforicamente transferido a um participante humano e capacita-o a realizar uma atividade. Nos textos dos séculos XIX e XX, a grade temática de *dar*, como um verbo de transferência, é gradualmente anulada. O beneficiário da transferência e o sujeito morfossintático (“recurso” que

habilita para um propósito) tornam-se pouquíssimos frequentes, nos dados mais contemporâneos, evidenciando o processo de mudança. A estrutura ocorrente nas instâncias mais contemporâneas indica habilitação genérica para uma situação. Com a anulação da grade temática do verbo *dar*, há “diluição” do valor transferencial da construção, e aumento da generalização da habilitação modal da construção, o que indica perda de composicionalidade, maior esquematicidade, aumento de produtividade.

As análises revelam a emergência de um novo nó da rede construcional, com alterações nas dimensões formal e semântica das construções, e, ainda, mudanças construcionais em apenas uma dimensão da construção. Nota-se, no português contemporâneo, que as microconstruções modais impessoais constituem unidade de organização da memória, rotinizadas e convencionalizadas, na língua portuguesa, um *chunking* (Bybee, 2016).

SOUZA, Cibele Naidhig de. Emergence of modal micro-constructions [dar]. **Alfa**, São Paulo, v. 69, 2025.

- *ABSTRACT: Drawing from a constructionist perspective, more specifically on Traugott and Trousdale (2013), and on studies on typology and modality change, this research investigates the emergence and development of modal micro-constructions “dar” in Portuguese. The aim is to identify incremental stages of change and inheritance relationships among these micro-constructions. The study analyzes how alterations within this family of constructions may correspond with hypotheses of modality change. The research utilizes texts from the 14th to 20th centuries from the Portuguese Corpus (DAVIES; FERREIRA, 2006), and contemporary spoken language data from C-Oral Brasil and the NURC Project. The examination does not confirm semantic changes from “ability” to “possibility”, a hypothesis proposed based on predictions of modal semantic change. Instead, it reveals that the “ability transferential” micro-construction, in the earliest instances of the corpus, licenses a possibility sense and subsequently sanctions other micro-constructions. Throughout this process, there is a gradual annulment of the thematic grid of the verb “dar”, conventionalization of the impersonal micro-construction, and emergence of deontic uses. Reduction in compositionality, increase in productivity and schematicity are identified, interpreted as grammatical constructionalization.*
- *KEYWORDS: Modality; Constructional; Change; Verb “dar”.*

## REFERÊNCIAS

AUWERA, J. V.; PLUNGIAN, V. Modality’s semantic map. **Linguistic Typology**, Mouton de Gruyter, v. 2, p. 79-124, 1998.

BYBEE, J. L. Mechanisms of change in grammaticization: The role of Frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (ed.). **The Handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623.

BYBEE, J. L.; PERKINS, R. D.; PAGLIUCA, W. **The evolution of Grammar**. Tense, Aspect and Modality in the Language of the world. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Tradução A. F. Cunha e S. C. L. Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].

COELHO, S. M.; SILVA, S. E. P. O *continuum* de gramaticalização do verbo dar: de predicator a auxiliar. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 18, n. 34, p. 23-40, 2º sem. 2014.

COELHO, S. M.; SILVA, S. E. P. Um estudo da variação linguística no liame preposicional em construções [V1 dar+ preposição + V2 infinitivo no português do Brasil]. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 21, p. 125-144, 2019.

CROFT, W. **Radical Construction Grammar**: Syntactic Theory in Typological Perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. **Corpus do Português**: 45 milhões de palavras, 1300s-1900s, 2006. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 20 maio 2025.

GÖRSKI, E. Emergência de dar pra/de no domínio funcional de auxiliarização modal deôntica. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 17, p. 4342-4356, 2020.

HATTNER, M. M. D.; HENGVELD, K. The Grammaticalization of Modal Verbs in Brazilian Portuguese: A Synchronic Approach. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 15, p. 1-14, 2016.

HEINE, B. **Auxiliares – Cognitive forces and grammaticalization**. New York/Oxford: Oxford University Press, 1993.

HENGVELD, K. A hierarchical approach to grammaticalization. In: HENGVELD, K.; NARROG, H.; OLBERTZ, H. (ed.). **The Grammaticalization of Tense, Aspect, Modality, and Evidentiality from a Functional Perspective**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2017. p. 13-38.

HENGVELD, K. Illocution, Mood and Modality. In: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J. (ed.). **Morphology**. A handbook on Inflection and Word Formation, v. 2. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 1190-1201.

HENGVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse grammar**: a typologically-based theory of language structure. Oxford: University Press, 2008.

HILPERT, M. Diachronic collostructional analysis meets the Noun Phrase: Studying many a Noun in COHA. In: NEVALAINEN, T.; TRAUGOTT, E. C. (ed.). **The Oxford**

**Handbook of the History of English.** Nova York: Oxford University Press, 2012. p. 233-244.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar.** v. I: Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LYONS, J. **Semantics 1.** Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

NARROG, H. **Modality, subjectivity, and semantic change.** Oxford: Oxford University Press, 2012.

NOONAN, M. Complementation. *In:* SHOPEN, T. (ed.). **Language typology and syntactic description.** Cambridge: Cambridge University Press, 2007 [1985]. p. 42-139.

OLBERTZ, H. **Verbal periphraes in a Functional Grammar of Spanish.** Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1998.

PALMER, F. R. **Mood and modality.** Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SALOMÃO, M. M. M. Construções modais com dar no português do Brasil: metáfora, uso e gramática. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 83-115, jan./jun. 2008.

SOUZA, C. N. de. Gramática Discursivo-Funcional, gramaticalização e modalização. **Revista de Estudos da Linguagem**, [S. l.], v. 25, n. 4, p. 2095-2126, 2017.

SWEETSER, E. E. Modality. *In:* SWEETSER, E. E. **From Etymology to Pragmatics. Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure.** Cambridge: University Press, 1990. p. 45-75.

TALMY, L. Force-dynamics in Language and Cognition. **Cognitive Science** 2, p. 49-100, 1988.

TORRENT, T. T. On the relation between inheritance and change. The Constructional Convergence and the Construction Network Reconfiguration Hypotheses. *In:* BARDDAL, J.; SMIRNOVA, E.; SOMMERER, L.; GILDEA, S. (org.). **Diachronic Construction Grammar.** Amsterdam: John Benjamins, 2015.

TRAUGOTT, E. C. On rise epistemic meanings in English: an example of subjectification in semantic change. **Language**, v. 65, n. 1, 1989.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. **Regularity in semantic change.** Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E. C. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. *In:* DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (ed.). **Subjectification, intersubjectification and grammaticalization.** (Topics in English Linguistics, 66). Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2010.



TRAUGOTT, E. C. Do semantic modal maps have a role in a constructionalization approach to modals? **Constructions and Frames**, v. 8, n. 1, 2016.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Tradução T. P. Oliveira e A. F. Cunha. Vozes: Petrópolis, 2021 [2013] (Coleção Linguística).

Recebido em 6 de agosto de 2024

Aprovado em 18 de outubro de 2024